

# O velho na ponte

Ernest Hemingway

1938

Um velho usando óculos com ar de metal e roupas imundas de poeira estava sentado à beira da estrada. Um pontão cruzava o rio e por ele passavam carroças, caminhões, homens, mulheres e crianças. As carroças, puxadas por mulas, balançavam um bocado no esforço para subir a ingrime barranca após a travessia, com os soldados ajudando a empurrá-las pelos raios das rodas. À frente, abrindo passagem, iam os caminhões, deixando na rabeira grande massa de camponeses que mal se deslocavam naquela terra fofa que lhes cobria os tornozelos. O velho, no entanto, nem se mexia, continuando sentado ali. Estava cansado demais para prosseguir.

Minhas ordens eram de cruzar o pontão e examinar as cabeceiras para descobrir até que ponto o inimigo avançava. Tendo-as cumprido, regressava à base, atravessando o rio em sentido contrário. Já não havia tantas carroças, nem tanta gente a pé. Mas o velho continuava ali.

— De onde é que você vem? — perguntei-lhe.

— De San Carlos — respondeu, sorrindo para mim.

Era a sua cidade natal, e ele parecia orgulhar-se de mencioná-la.

— Quem tomava conta dos animais era eu — explicou.

— Ah! — exclamei, sem entender muito bem o que ele queria dizer com aquilo.

— Sim — continuou ele. — Fiquei até o fim tomando conta deles e fui a última pessoa a abandonar a cidade de San Carlos.

Ele não me dava a impressão de ser um pastor, nem um boiadeiro. Examinei melhor sua roupa escura, imunda de poeira, seu rosto também empoeirado e aqueles estranhos óculos com aro de metal, e perguntei-lhe:

— Mas que animais eram?

— Vários animais — respondeu, sacudindo a desanimadamente a cabeça. — Tive que abandoná-los. . .

Olhei então para a ponte improvisada e para aquela região do delta do Ebro, tão parecida com a África, perguntando-me quanto tempo correria até que víssemos o inimigo e mantendo os ouvidos atentos para os primeiros ruídos que pudessem assinalar esse acontecimento frequentemente misterioso a que chamamos contato. O velho, imóvel, continuava ali.

— Mas que tipo de animais eram eles? — insisti.

— Eram só três — explicou —, duas cabras e um gato. Isso sem falar em quatro casais de pombos.

— E você teve que abandoná-los?

— Sim, por causa da artilharia. O capitão me mandou sair dali, por causa da artilharia.

— Você não tem família? — perguntei-lhe sem tirar os olhos da cabeceira do pontão, onde algumas poucas carroças se apressavam em descer a ribanceira.

— Não — disse-me ele. — Somente esses animais de que lhe falei. Com o gato, naturalmente, tudo correrá bem. Um gato sempre cuida bem de si próprio, mas nem sei o que acontecerá com os outros.

— E quais são as suas ideias políticas?

— Não tenho ideia política de nenhum tipo — respondeu-me. — Sou um velho de setenta e seis anos, percorri doze quilômetros até aqui e acho que não tenho forças para prosseguir.

— Este não é um bom lugar para ficar parado — falei-lhe eu. — Se se esforçar um pouco mais, é quase certo que arranjará condução no lugar onde a estrada se vira para Tortosa.

— Vou descansar um pouco mais, depois irei. Para onde é que esses caminhões estão indo?

— Para Barcelona. — informei-lhe.

— Não conheço ninguém que more para esses lados, mas lhe agradeço muito pela informação. Muito obrigado, mesmo!

Olhou para mim com uma expressão vazia, desanimada, e depois, como alguém que deseja compartilhar suas preocupações, repetiu-me:

— Com o gato correrá bem, estou seguro. Nem preciso inquietar-me com ele. Mas o que dizer dos outros? O senhor tem alguma ideia do que poderá ocorrer com eles?

— Acho que acabarão encontrando uma boa saída qualquer.

— Acha mesmo?

— Por que não? — respondi-lhe, continuando a olhar para a cabeceira do pontão, onde já não havia tráfego algum.

— Mas o que poderão fazer se houver fogo da artilharia, pois a mim mesmo obrigaram a dar o fora dali?

— Você deixou o pombal com as portas abertas?

— Deixei.

— Então, não há perigo. Eles voarão para longe.

— Sim, os pombos se salvarão. . . Mas e os outros? Nem quero pensar nisso!

— Bem, parece que você já descansou o suficiente e é melhor se pôr a caminho. Levanta-se e comece a andar.

— Obrigado — agradeceu ele.

Levantou-se, balançou como um pêndulo e caiu para trás, sentando-se de novo na poeira.

— Eu cuidava dos animais — lamuriou-se.

Não se dirigia a mim, especificamente, e repetiu:

— Eu só tomava conta dos animais. . .

Não havia coisa alguma que eu pudesse fazer por ele àquela altura. Estávamos no Domingo de Páscoa e os fascistas avançavam na direção do Ebro. O dia estava de um cinza sombrio, com nuvens baixas no céu. Por isso mesmo não apareciam os aviões do inimigo. Essa circunstância e o fato de os gatos serem capazes de cuidar de si mesmos eram tudo o que aquele velhinho poderia considerar boa sorte.